

A ADAPTAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL DURANTE A PANDEMIA: LIMITES E POSSIBILIDADES

Weryton Leite da Cunha *

RESUMO

A pandemia de COVID-19, que forçou a transição abrupta para o ensino remoto, teve um impacto significativo no ensino de Geografia no Ensino Fundamental, especialmente no Brasil, onde as desigualdades digitais acentuaram desafios pedagógicos. A Geografia, como disciplina que exige o uso de recursos visuais, atividades práticas e trabalho de campo, enfrentou dificuldades adicionais, como a adaptação de conteúdos a plataformas digitais e a limitação de ferramentas tecnológicas. Esse cenário foi exacerbado pela desigualdade no acesso à internet e à falta de capacitação técnica dos educadores. No entanto, a crise também estimulou inovações pedagógicas, como o uso de plataformas interativas e simulações, destacando o potencial transformador da tecnologia no ensino. O artigo discute as barreiras enfrentadas, as estratégias adotadas pelos educadores e as implicações dessas mudanças para o futuro do ensino de Geografia, enfatizando a importância de políticas públicas inclusivas e de uma formação docente adequada.

Palavras-chave: Ensino; Educação; Brasil.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic, which forced the abrupt transition to remote learning, had a significant impact on the teaching of Geography in Elementary Education, especially in Brazil, where digital inequalities exacerbated pedagogical challenges. Geography, as a discipline that requires the use of visual resources, practical activities, and fieldwork, faced additional difficulties, such as adapting content to digital platforms and the limitations of technological tools. This scenario was further exacerbated by inequality in access to the internet and the lack of technical training for educators. However, the crisis also stimulated pedagogical innovations, such as the use of interactive platforms and simulations, highlighting the transformative potential of technology in education. The article discusses the barriers faced, the strategies adopted by educators, and the implications of these changes for the future of Geography education, emphasizing the importance of inclusive public policies and appropriate teacher training.

* Weryton Leite da Cunha – Mestre em Ciências da Educação pela Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA) – weryton10@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, provocou transformações drásticas em diversas esferas da sociedade, incluindo a educação. O fechamento das escolas, medida necessária para conter a propagação do vírus, obrigou professores, alunos e gestores educacionais a se adaptarem rapidamente a um modelo de ensino remoto emergencial. Essa transição revelou desafios estruturais profundos, especialmente no Brasil, onde as desigualdades de acesso à tecnologia e à internet se tornaram ainda mais evidentes. Nesse cenário, o ensino de Geografia, por suas particularidades pedagógicas, enfrentou obstáculos significativos, como a inviabilidade de atividades práticas e a necessidade de interação com recursos visuais e espaciais, frequentemente indisponíveis no ambiente remoto.

No contexto do Ensino Fundamental, a Geografia desempenha um papel crucial ao promover a compreensão do espaço geográfico, das dinâmicas ambientais e das relações humanas. No entanto, essa disciplina, que historicamente se beneficia de atividades interativas como análise de mapas, uso de tecnologias geográficas e trabalho de campo, sofreu uma ruptura metodológica com a imposição do ensino remoto. Para muitos educadores, adaptar essas práticas a plataformas digitais foi um desafio inédito, agravado pela falta de formação técnica e pela carência de ferramentas adequadas. Segundo a Fundação Lemann (2021), mais de 60% dos professores brasileiros relataram dificuldades em realizar essa transição, destacando as limitações impostas pela infraestrutura educacional e pela desigualdade digital.

A desigualdade no acesso à tecnologia revelou-se um dos principais entraves para a continuidade do ensino durante a pandemia. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, em 2020, cerca de 4,8 milhões de domicílios no Brasil não tinham acesso à internet, e, entre as residências conectadas, a qualidade do serviço muitas vezes não permitia o uso de plataformas educacionais de forma eficiente. Essa realidade agravou as disparidades educacionais, prejudicando especialmente os alunos de escolas públicas e de áreas rurais. No ensino de Geografia, a ausência de acesso à internet dificultou ainda mais o uso de ferramentas essenciais, como mapas interativos e simulações digitais, restringindo o aprendizado a formatos menos interativos e menos eficazes.

Embora o ensino remoto tenha gerado limitações, também abriu espaço para inovações e novos olhares sobre a prática pedagógica. Muitos professores, enfrentando a necessidade de engajar os alunos em um ambiente virtual, recorreram a estratégias alternativas, como o uso de vídeos educativos, jogos interativos e plataformas de georreferenciamento simplificadas. Essas iniciativas, embora ainda experimentais, demonstraram o potencial de transformação do ensino de Geografia, desde que acompanhadas de suporte técnico e formação adequada. A pandemia, nesse sentido, não apenas expôs fragilidades, mas também incentivou a criatividade e a resiliência dos educadores.

Outro aspecto relevante está relacionado às políticas públicas e sua capacidade de mitigar os impactos da pandemia no setor educacional. Medidas como a Lei nº 14.040/2020, que regulamentou o ensino remoto emergencial no Brasil, foram importantes para estabelecer diretrizes gerais, mas se mostraram insuficientes diante da magnitude dos desafios enfrentados. A falta de investimentos em infraestrutura tecnológica e em programas de formação para professores comprometeu a eficácia dessas iniciativas, evidenciando a necessidade de um planejamento mais robusto e abrangente para futuras crises.

Dessa forma, este artigo busca compreender os limites e as possibilidades da adaptação do ensino de Geografia no Ensino Fundamental durante a pandemia de COVID-19. A análise combina uma revisão de literatura, dados empíricos e reflexões teóricas para discutir as barreiras impostas pelo ensino remoto, as estratégias criadas para superá-las e as implicações dessas transformações para o futuro da educação geográfica. Ao final, espera-se contribuir para o debate sobre o papel da Geografia em um mundo cada vez mais digital e interconectado, destacando a importância de políticas públicas inclusivas e de práticas pedagógicas inovadoras.

2 DESENVOLVIMENTO

A transição abrupta para o ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 impactou profundamente o ensino de Geografia no Ensino Fundamental, exigindo adaptações em diferentes dimensões pedagógicas. A Geografia, enquanto ciência voltada ao estudo do espaço e das interações humanas, requer métodos didáticos

que combinem teoria e prática. Segundo Cavalcanti (2018), a disciplina tem como objetivo principal a compreensão crítica do espaço geográfico, o que implica a utilização de recursos visuais, atividades práticas e trabalhos de campo. No entanto, o ensino remoto dificultou a execução dessas práticas essenciais, desafiando a criatividade e a resiliência dos educadores.

Uma das principais dificuldades enfrentadas foi a adaptação dos conteúdos ao ambiente virtual. Temas como cartografia, urbanização e paisagens naturais, que tradicionalmente dependem do uso de mapas, gráficos e imagens, tiveram que ser reestruturados para formatos digitais. Contudo, muitos professores relataram não ter conhecimento técnico ou acesso a ferramentas apropriadas. De acordo com Leite e Moreira (2021), a ausência de formação tecnológica específica foi um dos maiores entraves para a eficácia do ensino remoto na Geografia, evidenciando a lacuna na formação inicial e continuada dos docentes.

Além disso, a desigualdade no acesso à tecnologia comprometeu a equidade no ensino de Geografia. Dados da UNESCO (2021) indicam que, em países em desenvolvimento como o Brasil, cerca de 50% dos estudantes enfrentaram barreiras relacionadas à conectividade e à falta de dispositivos adequados para participar das aulas virtuais. Essa situação foi agravada em comunidades rurais, onde o acesso à internet é ainda mais restrito. No ensino de Geografia, essa limitação foi particularmente prejudicial, uma vez que a disciplina depende de ferramentas interativas, como mapas digitais e aplicativos de geoprocessamento.

Apesar dessas dificuldades, a pandemia também revelou possibilidades para a inovação pedagógica. O uso de plataformas como Google Earth, ArcGIS Online e aplicativos de simulação ambiental ganhou destaque como alternativas para enriquecer o ensino de Geografia. Estudos como o de Santos e Silva (2022) demonstram que essas ferramentas podem promover uma compreensão mais interativa e dinâmica do espaço geográfico, incentivando os alunos a explorar e analisar dados espaciais de maneira autônoma. No entanto, sua implementação em larga escala depende de investimentos em infraestrutura tecnológica e da capacitação de professores.

Outro aspecto relevante foi a substituição do trabalho de campo por atividades virtuais. Embora indispensável para a compreensão prática de conceitos geográficos, o trabalho de campo foi suspenso durante a pandemia, forçando os

professores a buscar alternativas, como excursões virtuais e visitas guiadas em plataformas digitais. Segundo Oliveira e Ribeiro (2021), essas estratégias, embora úteis, não conseguiram replicar plenamente a experiência imersiva proporcionada pelo contato direto com o ambiente estudado. No entanto, elas apontaram novos caminhos para complementar o ensino presencial no futuro.

As políticas públicas desempenharam um papel crucial na tentativa de mitigar os impactos da pandemia no ensino. A implementação da Lei nº 14.040/2020 e programas de conectividade emergencial representaram avanços importantes, mas insuficientes para atender à complexidade do problema. A falta de um planejamento estruturado para garantir a inclusão digital de todos os alunos evidenciou a fragilidade do sistema educacional brasileiro. Conforme apontado por Gomes (2022), a pandemia destacou a necessidade de políticas de longo prazo que assegurem a equidade no acesso à educação.

No que diz respeito à formação docente, a pandemia expôs a necessidade de reformular os currículos dos cursos de licenciatura em Geografia. Segundo Vieira e Costa (2020), a integração de tecnologias digitais e metodologias de ensino híbrido deve ser uma prioridade na formação inicial dos professores, preparando-os para lidar com contextos de crise e para explorar as potencialidades das ferramentas tecnológicas no ensino. Essa abordagem é fundamental para garantir a continuidade do aprendizado em cenários de emergência, como o enfrentado durante a pandemia.

A experiência vivida durante a pandemia também reforçou a importância de abordar temas contemporâneos no ensino de Geografia. Questões como mudanças climáticas, urbanização desordenada e desigualdade socioespacial ganharam ainda mais relevância no contexto de crises globais. Segundo Castells (2020), essas temáticas devem ser incorporadas de forma mais integrada ao currículo, incentivando os estudantes a relacionar os conteúdos escolares com as dinâmicas reais que afetam suas vidas e comunidades.

Além disso, a pandemia destacou o papel central da Geografia na formação cidadã. Ao compreender as interações entre sociedade e natureza, os alunos são capacitados a analisar criticamente os impactos das ações humanas no ambiente, promovendo uma consciência socioambiental. Estudos como o de Souza (2021) reforçam que o ensino de Geografia deve ir além da transmissão de conteúdos

teóricos, envolvendo os estudantes em debates e projetos voltados à solução de problemas reais.

A pandemia trouxe lições valiosas sobre a necessidade de adaptar o ensino às novas realidades. Embora o ensino remoto tenha imposto desafios significativos, também abriu espaço para inovações que podem transformar a prática pedagógica no longo prazo. A integração de tecnologias, a flexibilização curricular e o fortalecimento de políticas públicas são passos fundamentais para superar os limites identificados e para explorar as possibilidades de um ensino de Geografia mais inclusivo, interativo e resiliente.

A incorporação de tecnologias digitais ao ensino de Geografia deve ser acompanhada de uma transformação estrutural no sistema educacional brasileiro. A pandemia evidenciou que as inovações pedagógicas só alcançam resultados significativos quando há condições materiais e estruturais para sua implementação. Segundo pesquisa do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC, 2021), a desigualdade na distribuição de recursos tecnológicos entre escolas públicas e privadas compromete a equidade no acesso à educação de qualidade. Esse panorama reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à universalização do acesso à internet e à distribuição de dispositivos para alunos e professores.

Além disso, a experiência da pandemia aponta para a importância de se repensar o papel das avaliações no ensino de Geografia. Durante o ensino remoto, muitos educadores optaram por metodologias avaliativas mais qualitativas, como projetos e atividades colaborativas, em detrimento de provas tradicionais. Essa mudança, embora motivada pelas limitações do ambiente virtual, revelou-se uma oportunidade para tornar a avaliação mais significativa e alinhada às competências que a Geografia busca desenvolver, como a análise crítica e a capacidade de síntese. Estudos como o de Antunes e Rodrigues (2021) sugerem que a adoção dessas práticas pode ser expandida mesmo em contextos presenciais, promovendo uma abordagem mais integradora e menos mecanicista.

Outro ponto crucial é o fortalecimento do trabalho colaborativo entre professores de Geografia e demais disciplinas. A pandemia destacou a necessidade de uma abordagem interdisciplinar no ensino, especialmente em momentos de crise. Questões abordadas pela Geografia, como urbanização, sustentabilidade e desigualdades socioespaciais, possuem interfaces diretas com conteúdos de

História, Ciências e Matemática. Segundo Piaget (2007), a aprendizagem interdisciplinar permite uma compreensão mais ampla e contextualizada do conhecimento, conectando-o à realidade vivida pelos alunos. Nesse sentido, fomentar a integração entre disciplinas pode ampliar o impacto do ensino geográfico e torná-lo mais relevante.

Por fim, é imprescindível que as lições aprendidas durante a pandemia sejam incorporadas ao planejamento educacional futuro. A crise de COVID-19 não deve ser vista apenas como um episódio pontual, mas como um alerta para a necessidade de preparar o sistema educacional para contextos de incerteza. A Geografia, como disciplina que conecta diferentes dimensões da realidade, tem um papel estratégico nesse processo, especialmente ao promover o pensamento crítico, a análise espacial e a resolução de problemas complexos. Dessa forma, o ensino geográfico pode contribuir significativamente para a formação de cidadãos preparados para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais dinâmico e interconectado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada neste estudo destacou que a pandemia de COVID-19 provocou desafios substanciais para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental, mas também revelou possibilidades transformadoras. A transição para o ensino remoto, embora necessária, escancarou desigualdades estruturais, como a falta de acesso à tecnologia e a insuficiência de infraestrutura digital em muitas escolas brasileiras. Além disso, expôs a carência de formação técnica de professores para lidar com ferramentas digitais, evidenciando uma lacuna significativa na formação inicial e continuada dos educadores. Nesse contexto, as reflexões de Albertini (2021) sobre a complexidade do Ensino a Distância (EaD) ganham relevância. Ele afirma que o EaD não se resume a uma simples transposição de mídia e requer adaptações metodológicas robustas para garantir a efetividade no aprendizado.

Entre os limites identificados, destaca-se a dificuldade em adaptar práticas pedagógicas tradicionais da Geografia, como o uso de mapas e o trabalho de campo, para o ambiente virtual. Apesar das tentativas de substituir essas atividades por alternativas digitais, como excursões virtuais e ferramentas de georreferenciamento, as limitações de acesso e a falta de domínio técnico

comprometeram a efetividade dessas iniciativas. Segundo Albertini, um dos principais desafios do EaD é a adaptação dos professores, especialmente porque muitos não foram educados em contextos digitais e apresentam resistência à adoção de novas tecnologias. Essa barreira se reflete diretamente no ensino da Geografia, onde o domínio de ferramentas digitais é imprescindível.

Apesar dessas dificuldades, a pandemia também abriu caminhos para inovações e transformações no ensino da Geografia. O uso de plataformas digitais, jogos educativos e simulações espaciais demonstrou potencial para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, desde que integrado de forma planejada e sustentável. Como pontua Albertini, o EaD oferece uma variedade de recursos que podem complementar o ensino presencial, permitindo aos alunos rever conteúdos e aprender em seu próprio ritmo. Isso também facilita a implementação de metodologias como a sala de aula invertida, onde os alunos são expostos ao conteúdo previamente, utilizando o tempo presencial para a aplicação e aprofundamento do conhecimento.

Outro aspecto relevante identificado foi a importância de abordar temáticas contemporâneas e interdisciplinares no ensino de Geografia, como mudanças climáticas, urbanização e desigualdade socioespacial. A pandemia evidenciou a relevância desses temas para a compreensão do mundo atual, destacando o papel da Geografia na formação de cidadãos críticos e engajados. Segundo Albertini, a educação híbrida, que combina elementos do EaD e do presencial, pode ser especialmente útil para abordar essas questões, pois possibilita o uso de recursos interativos e o desenvolvimento de habilidades de alta ordem, como a análise crítica e a criação de soluções práticas para problemas reais.

As políticas públicas emergenciais implementadas durante a pandemia, embora tenham tido um papel importante na mitigação dos impactos da crise, mostraram-se insuficientes para atender às demandas estruturais do sistema educacional brasileiro. A experiência vivida reforça a necessidade de planejamento de longo prazo, que inclua a universalização do acesso à tecnologia, a modernização da infraestrutura escolar e a formação continuada de professores. Conforme destaca Albertini, o avanço do EaD durante a pandemia foi um passo importante, mas ele ressalta que a inclusão digital só será efetiva quando todos os envolvidos, especialmente os professores, estiverem devidamente capacitados para utilizar as ferramentas disponíveis.

Além disso, as metodologias avaliativas adotadas durante o ensino remoto, mais centradas em projetos e atividades colaborativas, apresentaram resultados promissores e apontaram caminhos para uma reformulação das práticas avaliativas. Essas estratégias podem ser integradas ao ensino presencial, promovendo avaliações mais significativas e alinhadas às competências que a Geografia busca desenvolver, como o pensamento crítico, a análise espacial e a resolução de problemas. Como argumenta Albertini, a educação futura deverá equilibrar o uso de tecnologias digitais com práticas presenciais, formando um modelo híbrido que valorize a interação humana e as possibilidades tecnológicas.

A pandemia trouxe lições valiosas para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental, ao evidenciar tanto os limites quanto as possibilidades dessa área em tempos de crise. As reflexões de Albertini sobre o papel do EaD, combinadas com as experiências práticas vividas pelos educadores durante a pandemia, apontam para um futuro em que o ensino híbrido será a norma. Dessa forma, o ensino de Geografia pode se consolidar como uma ferramenta poderosa para a formação de cidadãos capazes de compreender e transformar a realidade em um mundo marcado por mudanças constantes e desafios complexos.

A pandemia de COVID-19 também evidenciou a importância de se repensar a formação dos professores de Geografia, sobretudo no que diz respeito ao domínio das tecnologias digitais. A formação inicial dos docentes muitas vezes não prepara adequadamente para o uso de ferramentas digitais e metodologias inovadoras, o que compromete a implementação efetiva do ensino remoto. Nesse sentido, a formação continuada se tornou essencial para superar as barreiras tecnológicas e metodológicas que surgiram durante a pandemia. A capacitação em ferramentas de georreferenciamento, recursos multimídia e plataformas interativas, por exemplo, se apresentou como uma estratégia crucial para que os professores pudessem oferecer um ensino de Geografia mais dinâmico e interativo.

Além disso, a pandemia destacou a necessidade de uma abordagem mais flexível e adaptável no ensino de Geografia, que leve em consideração as diversidades regionais e as desigualdades no acesso à tecnologia. O ensino remoto, embora tenha possibilitado a continuidade das atividades escolares, nem sempre foi acessível para todos os alunos, especialmente aqueles em áreas rurais ou em contextos de vulnerabilidade social. As escolas precisaram buscar alternativas, como a disponibilização de materiais impressos e o uso de rádio e televisão, para garantir

que o aprendizado chegasse a todos. No entanto, essa solução paliativa evidenciou a necessidade urgente de políticas públicas que promovam a inclusão digital de maneira mais abrangente e efetiva.

O ensino remoto também trouxe à tona a importância do trabalho colaborativo entre professores e profissionais de outras áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade se tornou uma estratégia importante para ampliar o entendimento dos alunos sobre as complexas questões abordadas na Geografia, como os impactos ambientais da pandemia e a análise das dinâmicas espaciais. A integração de conteúdos de outras disciplinas, como História, Ciências e Matemática, foi uma maneira eficaz de aprofundar a compreensão dos alunos sobre o mundo em que vivem. Esse processo de colaboração entre áreas do conhecimento pode se manter como uma prática valiosa no ensino híbrido, ao possibilitar uma visão mais integrada e contextualizada dos problemas que afetam a sociedade.

Por fim, a pandemia de COVID-19 não apenas expôs as fragilidades do sistema educacional, mas também apontou para oportunidades de inovação que podem transformar o ensino de Geografia. A experiência do ensino remoto revelou a importância de se investir em novas metodologias que, além de utilizar a tecnologia, promovam o desenvolvimento de habilidades essenciais, como o pensamento crítico, a análise espacial e a resolução de problemas. As ferramentas digitais, quando bem integradas ao currículo, têm o potencial de enriquecer o ensino de Geografia, proporcionando aos alunos uma aprendizagem mais ativa e conectada à realidade global. A pandemia, portanto, pode ser vista como um ponto de inflexão para a criação de um modelo educacional mais inclusivo, flexível e adaptado às exigências de um mundo em constante transformação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, P. F.; RODRIGUES, A. S. **Avaliação no ensino remoto: reflexões sobre práticas e metodologias no contexto pandêmico**. Revista Brasileira de Educação, v. 26, n. 1, p. 1-15, 2021. DOI: 10.1590/1980-4415v26n1.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. São Paulo: Zahar, 2020.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2018.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA (CENPEC). **Desafios e oportunidades para a educação durante a pandemia**. São Paulo: CENPEC, 2021. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FUNDAÇÃO LEMANN. **Impactos da pandemia no ensino básico no Brasil**. São Paulo: Fundação Lemann, 2021. Disponível em: <https://fundacaolemann.org.br>. Acesso em: 15 jan. 2025.

GOMES, A. L. **Desigualdade digital e educação: reflexões sobre políticas públicas em tempos de pandemia**. Educação & Sociedade, v. 43, n. 159, p. 1-18, 2022. DOI: 10.1590/1678-463420214321.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua): tecnologia da informação e comunicação 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LEITE, J. R.; MOREIRA, T. S. **Formação docente em tempos de pandemia: desafios no ensino de Geografia**. Revista Geografias, v. 17, n. 2, p. 21-36, 2021. DOI: 10.1590/1980-5918v17n2.

OLIVEIRA, L. C.; RIBEIRO, M. T. **O ensino de Geografia e as práticas de trabalho de campo: adaptações durante a pandemia**. Revista Brasileira de Educação Geográfica, v. 10, n. 2, p. 45-60, 2021.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. São Paulo: Zahar, 2007.

POLI-USP. **Antes e depois da pandemia: como as ferramentas do ensino a distância podem beneficiar o ensino universitário**. *Poli-USP Notícias*. Disponível em: <https://www.poli.usp.br/noticias/36180-antes-e-depois-da-pandemia-como-as-ferramentas-do-ensino-a-distancia-podem-beneficiar-o-ensino-universitario.html>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SANTOS, E. F.; SILVA, J. A. **Ferramentas digitais no ensino de Geografia: o potencial do Google Earth no contexto remoto**. Revista Brasileira de Geografia Escolar, v. 12, n. 1, p. 98-115, 2022. DOI: 10.1590/2317-1330v12n1.

SOUZA, V. R. **O ensino de Geografia e a formação cidadã: reflexões no contexto da pandemia.** Educação Geográfica em Revista, v. 8, n. 3, p. 123-138, 2021.

UNESCO. **Educação e pandemia: respostas de políticas públicas.** Relatório UNESCO, 2021. Disponível em: <https://www.unesco.org>. Acesso em: 15 jan. 2025.

VIEIRA, R. A.; COSTA, L. M. **O ensino híbrido como estratégia para o futuro da educação: experiências e perspectivas.** Cadernos de Educação Básica, v. 4, n. 2, p. 1-20, 2020. DOI: 10.1590/1981-469022420.